



IMAGENS DA AMÉRICA EM EL OTOÑO DEL PATRIARCA

*FIORUCI, Wellington R. (UTFPR – Universidade Tecnológica
Federal do Paraná) tonfiorucci@hotmail.com*

RESUMO: O presente artigo propõe-se a explorar, a partir de uma análise concisa, as relações entre os discursos mítico e histórico no romance de Gabriel García Márquez *El otoño del patriarca* (1975). A produção literária hispano-americana que aflorou no chamado movimento do *Boom* editorial em meados da década de sessenta do século passado manteve intensa relação com a história do continente americano. A memória do continente é reelaborada no espaço inventivo do discurso ficcional, no cerne do qual o tempo mítico e o tempo histórico enfrentam-se num *tour de force* plurissignificativo. De Colombo à presença norte-americana em terras latinas, o romance reconstitui o passado por meio de uma linguagem simbólica, evocadora. Para tanto, a narrativa inverte a perspectiva do colonizador, do discurso oficial, dando a palavra ora ao ser autóctone, ora ao cidadão americano, mestiço, muitas vezes, asseclas a serviço do poder estrangeiro. O relato polifônico é, assim, pluridimensionado, tendo como foco a figura atemporal do patriarca, personagem sem nome que remete ao arquétipo do ditador latino-americano. O escritor colombiano consegue em *El otoño del patriarca* conduzir com primor seus leitores pela estranha realidade de um país tão mítico quanto seu ditador, realidade esta que vai se revelando não menos absurda e complexa que a história sobre a qual ela se erige.

PALAVRAS-CHAVE: Gabriel García Márquez; *El otoño del patriarca*, América; história; ficção.

RESUMEN: El presente artículo se propone a explorar, a partir de un breve análisis, las relaciones entre los discursos mítico e histórico en la novela de Gabriel García Márquez *El otoño del patriarca* (1975). La producción literaria hispanoamericana que surgió con el llamado movimiento del *Boom* editorial a mediados de la década de los sesenta del siglo pasado mantuvo intensa relación con la historia del continente americano. La memoria del continente es reelaborada en el espacio inventivo del discurso ficcional, en cuyo interior el tiempo mítico y el tiempo histórico se enfrentan en un *tour de force* plurissignificativo. De Colón a la presencia norteamericana en tierras latinas, la novela reconstituye el pasado por medio de un lenguaje simbólico, evocador. Para eso, la narrativa invierte la perspectiva del colonizador, del discurso oficial, dando la palabra

ora al ser autóctono, ora al ciudadano americano, mestizo, muchas veces, sectarios al servicio del poder extranjero. El relato polifónico es, así, pluridimensionado, teniendo como foco la figura atemporal del patriarca, personaje sin nombre que remite al arquetipo del dictador latinoamericano. El escritor colombiano consigue en *El otoño del patriarca* conducir con maestría sus lectores por la extraña realidad de un país tan mítico como su dictador, realidad ésta que se va revelando no menos absurda y compleja que la historia sobre la cual ella se erige.

PALABRAS-CLAVE: Gabriel García Márquez; *El otoño del patriarca*; América; historia; ficción.

É certo, e já quase um lugar-comum, o fato de a produção literária do aclamado escritor colombiano Gabriel García Márquez estar ligada à história do continente americano. Com efeito, a forte presença de um discurso de base histórica em sua narrativa atua como alicerce de construção do discurso poético, cuja tônica é a releitura da história da América.

Ao abrir veios renovadores no diálogo entre os discursos histórico e ficcional, o escritor torna fecundas, nos domínios do romance, as imagens construídas pelo discurso da história. Para tanto, projeta tais imagens ao longo de seu universo ficcional, inventando e recriando-as, contrariando, muitas vezes, a história oficial, ao revelar-nos os bastiões de uma história excludente, pois, como afirma Leandro Konder, “cabe à ficção inventar a verdade, denunciando a versão oficial como má ficção” (1994, p.14)

Em *El otoño del patriarca* (1975), a história é componente deflagrador de um processo criativo que prima pela invenção radical, no interior da linguagem artística, dos ditos e entreditos da história. Ao aproximar o discurso histórico e o ficcional García Márquez visa a eliminar o distanciamento consagrado pela leitura racionalista, fonte de repúdio para o escritor conforme observa M. Meckled:

no hay entrevista suya en que no niegue o ataque, directa o indirectamente, el racionalismo. Y cuando se le pregunta por qué a su juicio los franceses no se han entusiasmado tanto con su obra como los lectores de otros países (incluyendo los norteamericanos), vuelve a expresar su disgusto por los primeros ... diciendo que esto se debe a que los franceses, por historia y tradición, son racionalistas, y que entre Descartes y Rabelais prefirieron quedarse con Descartes. (MECKLED, 1985, p. 23)

A crítica veemente a esse racionalismo burguês que a sociedade de classe europeia herdou da Ilustração e da Revolução Francesa, bem como toda forma de consciência imposta pelo eufemismo ideológico da cultura ocidental cristã, ganha mais intensidade no texto de *El otoño del patriarca*, justamente na alusão aos torturadores franceses a serviço do ditador:

no era cierto que los torturadores tuvieran sueldo de ministros como decían, al contrario, se ofrecían gratis para demostrar que eran capaces de descuartizar a su madre y echarles los pedazos a los puercos sin que se les notara en la voz, en lugar de cartas de recomendación y certificados de buena conducta, ofrecían testimonios de antecedentes atroces para que les dieran el empleo a las órdenes de los torturadores franceses que son racionalistas mi general, y por consiguiente son metódicos en la crueldad y refractarios a la compasión. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p.232)

A referência declarada ao método dos torturadores franceses explica, valendo-se de uma estratégia simbólica, o posicionamento do autor em relação ao racionalismo ocidental. Além disso, o adjetivo *metódicos* que caracteriza os critérios de tortura francês alude ao *Discurso do Método* (1637), obra expoente do racionalista francês René Descartes. Tais aspectos reforçam o suposto irracionalismo latino-americano defendido pelo escritor, que vai de encontro ao conclamado racionalismo europeu.

O escritor colombiano, de fato, recria a história, reinventa-a ao inscrevê-la em um novo espaço, o âmbito poético, atemporal e dessacralizador por excelência. É nesse espaço que o autor propicia a rediscussão do passado, tão salutar para a compreensão do presente, ao articular narrativas ficcionais que primam pelos aspectos de crítica e contestação.

El otoño del patriarca elabora a paródia das crônicas escritas sobre a América, a começar pelos textos dos primeiros cronistas, como o próprio Colombo e seu diário de navegação. No entanto, o romance vai além deste intertexto, evocando simbolicamente toda a história do continente, desde os primórdios da conquista, passando pela colonização e, por fim, chegando aos ditadores, que evocam a contemporaneidade. Esse processo de recuperação da memória, porém, é conduzido por uma narrativa que rompe com a consecução cronológica, fazendo com que tenhamos, ao final, um grande mosaico histórico, simultaneamente descontínuo e revelador de diversas temporalidades.

Neste sentido, vale lembrar que García Márquez considerou o texto histórico de Colombo, os registros de seu diário de navegação, um dos primeiros textos articulados sob os postulados do realismo mágico, como assinala o escritor em entrevista a Michael Palencia-Roth, compilada por Alfonso Rentería Mantilla:

La llamada literatura mágica de América Latina, que es tal vez la literatura más realista del mundo, está circunscrita a un área cultural muy concreta, el Caribe y Brasil. Se piensa que su carga mágica se debe al elemento negro. Pero en realidad es anterior. La primera obra maestra de la literatura mágica es el "Diario de Cristóbal Colón". Y ya estaba tan contaminado de la magia del Caribe que la propia historia del libro es inverosímil. (GARCÍA MÁRQUEZ, Apud MANTILLA, 1979, p. 196)

O escritor colombiano ressalta em sua abordagem do texto de Colombo a intersecção entre o discurso histórico e o ficcional, viés fundamental para a análise de sua poética, pedra angular do romance histórico contemporâneo. O navegador genovês surge assim como elo entre o passado mítico, a invenção da América, perpetrada pela mente fantasiosa destes primeiros cronistas, e a história posterior do continente, herdeira desta imaginação fundadora. O fragmento abaixo demonstra a intertextualidade revista pela linguagem paródica do autor:

y por fin encontró quién le contara la verdad, mi general, que habían llegado unos forasteros que parlotaban en lengua ladina pues no decían el mar sino la mar y llamaban papagayos a las guacamayas, almadías a los cayucos y azagayas a los arpones, y que habiendo visto que salíamos a recibirlos nadando entorno de sus naves se encarapitaron en los palos de la arboladura y se gritaban unos a otros que mirad qué bien hechos, de muy fermosos cuerpos y muy buenas caras, y los cabellos gruesos y casi como sedas de caballos, y habiendo visto que estábamos pintados para no despellejarnos con el sol se alborotaron como cotorras mojadas [...] (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 44-45)

Este fragmento dialoga diretamente com o registro histórico impresso no *Diário de bordo* do navegador a serviço da coroa espanhola, conforme pode-se comprovar na comparação com o original:

Todos los que vi eran [...] muy bien hechos, de muy fermosos cuerpos y muy buenas caras [...] y todos de buena estatura, gente muy hermosa, los cabellos no crespos, salvo corredíos y gruesos como sedas de cavallo, y todos de la frente y cabeça muy ancha [...] y los ojos muy fermosos y no pequeños [...]. (VARELA, 1986, p. 110-111).

A literatura apodera-se do discurso histórico e o subverte ao inseri-lo no espaço dessacralizador do discurso poético. Portanto, valendo-se desta abordagem, Colombo revela-se peça-chave do romance, como mais tarde acontecerá em *El general en su laberinto* (1989):

Era una noche de vastos silencios, como en los estuarios colosales de los Llanos, cuya resonancia permitía escuchar conversaciones íntimas a varias leguas de distancia. Cristóbal Colón había vivido un instante como ése, y había escrito en su diario: 'Toda la noche sentí pasar las aves'. Pues la tierra estaba próxima al cabo de sesenta y nueve días de navegación. También el general las sintió Empezaron a pasar como a las ocho, mientras Carreño dormía, y una hora después había tantas sobre su cabeza, que el viento de las alas era más fuerte que el viento ... '¡Dios de los pobres!', suspiró el general. 'Estamos llegando'. Y así era. Pues ahí estaba el mar, y del otro lado del mar estaba el mundo. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1989, p.137)

Embora Colombo não seja figura central em nenhum dos romances de García Márquez, ao contrário do que acontece em inúmeros outros ao longo do século XX na literatura hispano-americana¹, sua presença aponta para os eventos relacionados à conquista. Certamente Colombo é um dos personagens mais intermitentes na obra do escritor colombiano, que jamais fez questão de negar-lhe seu repúdio, conforme declarou a Plinio Apuleyo Mendoza. Quando indagado sobre o personagem histórico que mais detestava, não hesitou: “Cristóbal Colón. Además tenía la ‘pava’” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1982, p. 173).

O excerto supracitado de *El otoño del patriarca*, no qual Colombo figura como personagem-símbolo, recria o encontro entre as civilizações europeia e americana, com destaque para a linguagem irônica e polifônica, que por sua vez configura a paródia da descoberta da América, “*querían cambiar a uno de nosotros por un jubón de terciopelo para mostrarnos en las Europas, imagínese usted mi general, qué despelote [...]*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 45).

Inverte-se a posição do discurso oficial, escrito sob a visão dos conquistadores, e abre-se espaço para a visão dos conquistados, detentores da narração, cuja essência encontra-se na multiplicidade e na ironia do discurso. Segundo vemos, o estrangeiro é visto pelos povos autóctones com humor e uma acentuada crítica observada no uso de uma língua estranha “parloteaban en lengua ladina” e um comportamento descrito com tom irônico e humorístico “se alborotaron como cotorras mojadas”.

As diversas vozes narradoras apontam a inadequação linguística dos europeus “no decían el mar sino la mar”, bem como a insuficiência lexical para nomear a riqueza do mundo novo “llamaban papagayos a las guacamayas, almadías a los cayucos y azagayas a los arpones”.

Abre-se espaço para um discurso contestador, sustentado por uma consciência crítica, ausente do ponto de vista dos textos históricos oficiais, nos quais os nativos foram retratados como selvagens e qualificados de acordo com a seguinte tríade: sem alma, nem rei, nem lei. Essa consciência crítica aflora na sequência:

[...] *y nos cambiaban todo lo que teníamos por estos bonetes colorados y estas sartas de pepitas de vidrio que nos colgábamos en el pescuezo por hacerles gracia, y también por estas sonajas de latón de las que valen un maravedí y por bacinetas y espejuelos y otras mercerías de Flandes, de las más baratas mi general [...]* (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p.45)

Em vez de aceitarem a troca de presentes com entusiasmo e ingenuidade, os nativos demonstram desprezo pelos objetos, cujo valor insignificante eles

decididamente conhecem “sonajas de latón de las que valen un maravedí y por bacinetas y espejuelos y otras mercerías de Flandes, de las más baratas”. Além disso, vale a pena destacar o processo narrativo, que prolifera vertiginosamente, concatenando as idéias por meio de repetidas conjunções aditivas, que acabam por sugerir uma multiplicidade de vozes narrativas, ao contrário de um possível narrador unívoco e autoritário.

Tal procedimento é reflexo de um discurso crítico e polifônico, em detrimento de uma visão flagrante nos discursos da conquista. Na sequência, a narrativa ganha mais ironia à medida que a inversão paródica se acentua: “[...] *y como vimos que eran buenos servidores y de buen ingenio nos los fuimos llevando hacia la playa sin que se dieran cuenta, pero la vaina fue que entre el cámbieme esto por aquello y le cambio esto por esto otro se formó un cambalache de la puta madre [...]*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 45).

Os estrangeiros são, então, conduzidos pelos povos nativos “sin que se dieran cuenta”, isto é, não são mais os invasores que conduzem e enganam; estes obtêm outro papel no processo de encontro das civilizações: são inseridos e absorvidos pela cultura americana. Inversamente aos relatos canônicos, predomina no texto ficcional a ótica dos nativos, perceptível na descrição dos estrangeiros como “buenos servidores y de buen ingenio” e na linguagem que caracteriza o relato, marcada pelo tom oralizante de sintagmas como “puta madre”, e a preferência pelo estilo direto, sem pontuação, que realça a ironia e a crítica ao dar voz livre aos personagens nativos.

O desfecho do primeiro capítulo culmina com a mudança da voz narrativa, que enfoca o posicionamento do patriarca em relação à chegada do homem branco e a descrição dessa pelos nativos:

Pero él estaba tan confundido que no acertó a comprender si aquel asunto de lunáticos era de la incumbencia de su gobierno, de modo que volvió al dormitorio, abrió la ventana del mar por si acaso descubriría una luz nueva para entender el embrollo que le habían contado, y vio el acorazado de siempre que los infantes de marina habían abandonado en el muelle, y más allá del acorazado, fondeadas en el mar tenebroso, vio las tres carabelas. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 45-6)

A crítica agora se torna mais ampla e veemente, atingindo os alicerces do poder no continente ao revelar um descaso para com a interferência estrangeira, sintoma de uma convivência entre os bastiões do poder no qual está implicado o patriarca. A ideia confirma-se com a visão simbólica do patriarca, ao final, de “los

infantes de marina” e “las tres carabelas”, juntando em uma intertextualidade anacrônica as potências que dominaram a América no passado e a que o faz atualmente, respectivamente os países ibéricos (Portugal e Espanha) e os Estados Unidos. Nesse amálgama temporal funde-se, com a visão que o patriarca tem do mar, a história do presente à do passado.

Por esse motivo torna-se tão relevante a presença de “las tres carabelas”, remissão ao almirante genovês e sua descoberta, que representam o germe das ditaduras que assolaram praticamente todo o território americano e cujo ciclo histórico, opina ainda García Márquez, “*está lejos de ser concluido*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1982, p. 125).

Colombo representa a origem do mundo americano, o espírito aventureiro por antonomásia, e inicia a construção histórica do continente, bem como sua introdução no contexto renascentista da Europa. Segundo Michael Palencia-Roth, “*él es el gran patriarca americano y, por tanto, la primera piedra sobre la que se construye el monumental edificio de la tiranía*” (PALENCIA-ROTH, Apud CAMACHO, 1997, p.175).

Ainda segundo Palencia-Roth, em comentário a aparição de Colombo em *El otoño del patriarca*, ao final do primeiro capítulo, seja tanto na forma de texto como de personagem histórico, “[...] *se introduce el episodio por medio de la técnica del eterno retorno: el patriarca ‘evocó otra vez y vivió de nuevo’. En la concepción mítica del mundo, todo se puede vivir de nuevo, y los hechos históricos que se repiten llegan a ser mitos históricos*” (PALENCIA-ROTH, 1983, p. 194).

Pode-se dizer *grossu modo* que a história latino-americana se inscreve sobre as agruras do poder em todas as suas manifestações: política, militar ou econômica. A presença singular do discurso do poder remete a uma história em grande parte escrita sob a visão usurpadora de falsos “dias de glória”, cuja aparente verdade foi se diluindo progressivamente entre lampejos de filosofia e modernidade. Essas tentativas infrutíferas de impor uma cultura por meio das “armas” e do “evangelho” revelam um processo transculturador que se defronta ao antagonismo de forças ancorado no binômio homem e espaço.

Em *El otoño del patriarca* a narrativa constrói sua significação a partir da alegorização do processo histórico, um testamento do percurso histórico da América obtido em função de uma linguagem que se revela, nas palavras do próprio autor: “*representación cifrada de la realidad, una especie de advinanza del mundo [...] La vida cotidiana en América Latina nos demuestra que la realidad está llena de cosas extraordinarias*” (Apud GONZÁLEZ BERMEJO, 1982, p. 258).

Os supostos “dias de glória” são alegorizados de maneira que sintetizam todo um processo histórico desvelando-nos uma “história não contada” sobre o continente americano. Quando iniciamos a leitura de *El otoño del patriarca* penetramos em um tempo erigido por uma memória que vai além da desmemória histórica, o tempo mítico, cuja mecânica consiste na refiguração dessa memória a partir da sua mola propulsora, a ficção narrativa: “*Fue como penetrar en el ámbito de otra época, porque el aire era más tenue en los pozos de escombros de la vasta guarida del poder, y el silencio era más antiguo, y las cosas eran arduamente visibles en la luz decrepita*”. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 5).

O “eu” do relato, na verdade uma das tantas vozes do romance polifônico, confirma-nos a presença de um espaço atemporal, imemorial, no qual se vê: “*el tiempo estancado en el interior, y en la madrugada del lunes la ciudad despertó de su letargo de siglos con una tibia brisa de muerto grande y de podrida grandeza*”. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 5) ecoando imagens de um passado soterrado pelos “*escombros de la vasta guarida del poder*” onde “*el silencio era más antiguo*”. A alegoria, no entanto, reside na possibilidade de vislumbrar esse passado reconstruído, já que apesar de tudo “*las cosas eran arduamente visibles en la luz decrepita*”.

Trata-se de uma alusão de forte cunho crítico à possibilidade de se rever o passado antes encoberto por sombras, que foram se instalando ao longo de todo uma história marcada pelo discurso falseador do poder. As luzes da manhã remetem às novas imagens que são projetadas através da narração criadora, cabendo ao leitor a tarefa de reorganizá-las.

El otoño del patriarca promove, como pôde-se depreender desta breve análise, uma incursão pela história da América, relendo-a, reinventando-a e projetando sobre ela imagens diversas e multissignificativas. García Márquez, desde sua obra de estreia, *La hojarasca* (1955), debruçou-se sobre a complexa realidade americana, bem como a maioria de seus companheiros do chamado *boom* da literatura hispano-americana o fizeram.

Compondo um jogo temporal elástico na estrutura do romance, o escritor redimensiona o passado e lança sobre ele novas possibilidades de leitura, em um processo contínuo de desconstrução e reconstrução. A reflexão que se concretiza, viabilizada pela linguagem poética, é alcançada, em grande parte, pelo recurso à paródia, levando o leitor a um processo crítico de ressemantização do passado.

NOTAS

* Professor de literatura da UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) - Campus Pato Branco, possui doutorado em literatura comparada pela UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) - Campus de Assis.

I Um estudo de fôlego publicado em livro em 2005 pelo polonês Łukasz Grützmacher rastreou romances de língua espanhola publicados no último quartel do século XX que traziam Cristóval Colombo como protagonista.

REFERÊNCIAS

CAMACHO, José Manuel Delgado. *Césares, tiranos y santos en el otoño del patriarca: La falsa biografía del guerrero*. Sevilla: Diputación de Sevilla, 1997.

VARELA, Consuelo. *Cristóbal Colón: los cuatro viajes. Testamento*. Madrid: Alianza, 1986.

GRÜTZMACHER, Łukasz. *¿El descubridor descubierto o inventado? Cristóbal Colón como protagonista de la novela histórica española e hispanoamericana de los últimos 25 años del siglo XX*. Varsovia: Instituto de Estudios Ibéricos e Iberoamericanos da Universidade de Varsovia, 2005.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *El olor de la guayaba – Conversaciones con Plinio Apuleyo Mendoza*. Barcelona: Bruquera, 1982.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *El otoño del patriarca*. Buenos Aires: Sudamericana, 1975.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *El general en su laberinto*. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 1989.

GONZÁLEZ BERMEJO, E. "García Márquez: ahora doscientos años de soledad", In: *Gabriel García Márquez*. Madrid: Taurus, 1982.

MECKLED, Morkos. "García Márquez, el patriarca, el extranjero y la historia", In: *Cuadernos Hispanoamericanos*, 419, Madrid (mayo 1985), p.5-23.

PALENCIA-ROTH, Michael. *Gabriel García Márquez: La línea, el círculo y las metamorfosis del mito*. Madrid: Gredos, 1983.

Data de recebimento: 29/08/2010

Data de aceite para a publicação: 26/10/2010.

SOBRE O AUTOR:

Wellington Ricardo Fioruci possui graduação (1997), mestrado (2002) e doutorado (2007) em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Assis) na área de Literatura Comparada. Atualmente é professor de literatura no curso de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: pós-modernismo, cinema, teoria literária, literatura estrangeira, discurso paródico e discurso ficcional.